

## Chiara Lubich: por uma política de comunhão

### Textos escolhidos

1.A política como amor.....	2
A política, um “âmbito” em vista do social .....	2
A fraternidade como categoria política .....	2
A fraternidade universal.....	3
2.Instrumentos e métodos para uma política da unidade .....	4
A política e “a arte de amar” .....	4
Um preço a ser pago .....	5
Um pacto de fraternidade.....	5
Uma política com autoridade.....	6
3.A unidade, para além da globalização.....	6
.....	6
“Tenho um sonho” .....	6
A interdependência .....	7
O planeta na encruzilhada.....	8
Da cidade para o mundo.....	8
A “paz santa” .....	9
Uma instância mundial.....	10
Uma justiça planetária.....	10
Uma primavera espiritual .....	10
A paz santa.....	11

## 1. A política como amor

### A política, um “âmbito” para o social <sup>1</sup>

Um dia, tive a sensação de compreender o que se pretendia dizer ao afirmar que a política é amor. Se déssemos uma cor a cada atividade humana: à economia, à saúde, à comunicação, à arte, ao trabalho cultural, à administração da justiça... imaginei que a política não teria uma cor; seria um fundo preto, que dá ressaltos a todas as outras cores. Por isso, a política deve estabelecer uma inter-relação cotidiana com cada âmbito da vida, para criar as condições a fim de que a própria sociedade, com todas as suas expressões possa realizar perfeitamente o seu desígnio. É claro que, nesta contínua atenção ao diálogo, a política tem o dever de reservar para si alguns espaços específicos: indicar as prioridades num programa justo; fazer dos desfavorecidos os alvos privilegiados; buscar sempre e seja como for a participação, o diálogo, a mediação, responsabilidade e concretidade.

### A fraternidade como categoria política <sup>2</sup>

O lema: liberdade, igualdade, fraternidade, quase uma síntese do projeto político da modernidade, revela uma intuição profunda, e hoje demanda a nós uma séria reflexão: em que fase estamos na realização desta grande aspiração?

A Revolução Francesa anunciou esses três princípios, mas na verdade não os inventou. Eles já estavam empreendendo o seu extenuante caminho ao longo dos séculos, sobretudo a partir da mensagem cristã, que vivificou o lado melhor das tradições antigas dos diversos povos e o patrimônio da revelação hebraica, efetivando uma autêntica revolução: o humanismo novo, inaugurado por Cristo, que capacitou o homem a viver plenamente esses princípios.

---

<sup>1</sup> De *Liberdade, igualdade... que fim levou a fraternidade?* Câmara dos Comuns, Westminster, Londres, 22 de junho de 2004

<sup>2</sup> *Ibidem*

No decorrer dos séculos, a partir desse anúncio, eles foram revelando a sua riqueza nas obras humanas. (...)

A liberdade e a igualdade deixaram uma marca profunda na história política dos povos, produzindo avanços como civilização e criando as condições necessárias para a progressiva conscientização acerca da dignidade da pessoa humana. (...)

A liberdade e a igualdade tornaram-se princípios jurídicos, que diariamente são aplicados como verdadeiras categorias políticas.

Nós bem sabemos que, a afirmação exclusiva da liberdade, pode se transformar no privilégio do mais forte, enquanto que a igualdade, e a história o confirma, pode se traduzir no coletivismo que massifica. Além disso, muitos povos, na realidade, ainda não se beneficiaram com os conteúdos da liberdade e da igualdade...

### A fraternidade universal<sup>3</sup>

Como fazer, então, para que a sua assimilação produza frutos maduros? Como acionar a marcha da história dos nossos países e da humanidade inteira rumo ao destino que lhe é próprio? Para nós, a resposta está na fraternidade universal, que deve ocupar o devido lugar nas categorias políticas fundamentais. Se esses três princípios estiverem um ao lado do outro, poderão dar origem a uma política adequada às demandas de hoje. (...)

Alguns dentre os maiores desafios apresentados pela atualidade, demandam fortemente a ideia e a prática da fraternidade, e, pela vastidão do problema, de uma fraternidade universal.

A mentalidade de grandes personalidades compreendia o conceito da fraternidade universal.

Mahatma Gandhi afirmava: “A regra de ouro é ser amigo do mundo e considerar “una” toda a família humana”<sup>4</sup>. (...)

Mas quem indicou e anunciou a fraternidade como dádiva essencial para a humanidade, foi Jesus, que assim rezou antes de morrer: «Pai, que todos sejam um»

---

<sup>3</sup> Ibidem

<sup>4</sup> Cit. in *In buona compagnia*, C. Mantovano (a cura di), Roma, 2001, p. 11.

(João 17,21). Revelando que Deus é Pai e que, por isso, somos todos irmãos, derruba os muros que separam os “iguais” dos “diferentes”; os amigos, dos inimigos.

Portanto, a fraternidade deve ser afirmada como ideal do mundo de hoje.

Mas existem sinais de fraternidade na atual vida dos povos?

Com o passar dos anos, tendo experimentado incontáveis vezes, na minha vida e naquela dos outros, a ação providencial de Deus, e tendo podido conhecer diretamente muitos povos, aprendi a identificar os avanços implícitos na humanidade, até poder afirmar que a sua história é um lento, mas irrefreável caminho rumo à fraternidade universal. (...)

Alguns sinais são as *Uniões entre Estados* e os processos de integração econômica e política – e não podemos deixar de mencionar o que acontece na Europa – que, com maior intensidade, vão se realizando em nível continental ou segundo áreas geopolíticas; o papel dos organismos internacionais, de modo especial das Nações Unidas, que volta a ser determinante para conhecer, enfrentar e gerenciar as principais questões que tocam a vida de povos; o desenvolvimento de um diálogo cada vez mais difundido e fecundo entre as pessoas de diversas denominações cristãs, de pessoas de religiões diferentes e de convicções não religiosas; o crescimento de movimentos sociais, culturais e religiosos, que se apresentam como novos protagonistas das relações internacionais e trabalham por objetivos de dimensões internacionais.

## 2. Instrumentos e métodos para uma política da unidade

### A política e “a arte de amar”<sup>5</sup>

Mas, como viver a fraternidade? E de que modo ela ajuda a política a realizar plenamente a própria missão? Para explicar isso devo me deter em alguns aspectos do amor fraterno (...) e ver como ele é vivido na política.

---

<sup>5</sup> De O Movimento político pela unidade e a fraternidade política, Cidadania honorária - Turim, 2 de junho de 2002

Antes de mais nada, para o político da unidade a opção pelo engajamento político é um ato de amor com o qual ele responde a uma autêntica vocação, isto é, a um chamado pessoal. Ele responde a uma necessidade social, a um problema da sua cidade ou aos sofrimentos do seu povo, às exigências do seu tempo. Quem tem fé sente que é Deus quem o chama, através das circunstâncias; quem tem outras convicções responde a um apelo humano, que encontra ressonância na sua consciência. Mas ambos colocam o amor nas suas ações e ambos encontram um espaço, uma “casa” no Movimento Político pela Unidade.

Em segundo lugar, o político da unidade toma consciência de que, se a política é, desde a sua raiz, amor, também o outro, o adversário político, pode ter realizado a própria escolha por amor. E isso exige que ele seja respeitado, que seja compreendida a essência do seu engajamento, superando os modos, nem sempre desprovidos de animosidade, com os quais vive e que sempre podem ser corrigidos.

O político da unidade deseja que também o seu adversário realize o projeto positivo que ele traz, pois, se ele respondeu a um chamado, a uma necessidade verdadeira, torna-se parte integrante daquele bem comum que só pode ser construído em conjunto.

O político da unidade ama, portanto, não só as pessoas que votam nele, mas também os adversários; não só o próprio partido, mas também os outros partidos; não só a própria pátria, mas toda a humanidade.

E amar a todos leva a compreender e a viver a dimensão universal da política.

Não só. O político da unidade não pode ficar passivo diante de conflitos, muitas vezes ásperos, que criam abismos entre os políticos e os cidadãos. Pelo contrário, é ele quem deve dar o primeiro passo, mesmo se apenas com um cumprimento, para se aproximar do outro e retomar a comunicação que se interrompera.

Criar relações pessoais quando elas não existem ou quando foram interrompidas pode significar, por vezes, desobstruir o próprio processo político.

Tomar a iniciativa no amor, para o político da unidade, é um ato que responde à dignidade da pessoa, mas se transforma também numa verdadeira iniciativa política: ajudar a superar preconceitos e jogos de interesses, que tão frequentemente paralisam os políticos em confrontos inúteis.

Um outro aspecto da fraternidade na política é a capacidade de nos retirarmos para dar lugar aos outros, de calar para escutar inclusive os adversários. É um “perder a si mesmo” que renova a cada dia aquela opção pela política que um dia foi feita, com a qual se decidiu ocupar-se não de si mesmo, mas dos outros. Desse modo nos “fazemos um” com o outro, abrindo-nos à sua realidade. “Fazer-se um” ajuda a superar os particularismos, leva a conhecer aspectos das pessoas, da vida, da realidade, que ampliam também o horizonte político: o político que aprende a “fazer-se um” com todos torna-se mais capaz de compreender e de propor. “Fazer-se um” é um verdadeiro realismo político.

Por fim, a fraternidade encontra a sua plena expressão no amor mútuo, do qual a democracia, se compreendida retamente, tem verdadeira necessidade: amor dos políticos entre eles e entre os políticos e os cidadãos.

O político da unidade não se contenta em amar sozinho, mas procura envolver o outro no amor, seja ele aliado ou adversário, pois a política é relação, é projeto comum, e não só uma decisão individual.

Amor mútuo que a política exige não só nos relacionamentos pessoais, mas como uma exigência institucional.

No seu significado mais profundo, as diversas tarefas que a democracia atribui têm o objetivo de permitir o amor mútuo: se a ação de amor do governo se exprime na proposta e na decisão, a resposta de amor da oposição é atuada através da contraproposta e do controle.

### Um preço a ser pago<sup>6</sup>

Mas todos esses aspectos do amor na política, que realizam a fraternidade, exigem sacrifício.

Quantas vezes a atividade política ensina o que é a solidão, a incompreensão inclusive por parte dos mais próximos! (...)

---

<sup>6</sup> De *Fraternidade em política*, Sede do Parlamento da Catalunha - Barcelona, 29 de novembro de 2002

O político é aquele que abraça as divisões, as rupturas, as feridas da sua gente. É este o preço da fraternidade que é pedido ao político: preço altíssimo, mas altíssimo é também o prêmio. A fidelidade a toda prova fará do político um modelo, um ponto de referência para os seus concidadãos, orgulho de sua gente.

### Um pacto de fraternidade<sup>7</sup>

Gostaríamos de propor a todos os que atuam em política que se empenhem neste modo de viver, formulando como que um pacto de fraternidade pelo próprio país, que coloque o seu bem acima de qualquer interesse parcial, individual, de grupo, de classe ou de partido. Porque a fraternidade oferece possibilidades surpreendentes. Ela permite conjugar e valorizar exigências que, sem ela, poderiam desencadear conflitos irreparáveis. A fraternidade harmoniza as experiências das renascidas autonomias locais, valorizando a história comum. Consolida a consciência da importância dos organismos internacionais e de todos os processos que tendem a superar as barreiras e realizam importantes etapas para a unidade da família humana.

De fato, a fraternidade pode fazer despontar projetos e atividades no complexo tecido político, econômico, cultural e social do nosso mundo. É a fraternidade que tira do isolamento, abrindo as portas do desenvolvimento aos povos excluídos. É a fraternidade que indica como resolver pacificamente as controvérsias e que relega a guerra aos livros de história. É em virtude da fraternidade vivida que podemos sonhar, e até mesmo esperar, com alguma forma de comunhão de bens entre países ricos e pobres.

A profunda necessidade de paz, que a humanidade hoje externa, demonstra que a fraternidade não é só um valor, não é só um método, mas o paradigma global do desenvolvimento político. É por isso que o mundo, tornando-se cada vez mais interdependente, precisa de políticos, de empresários, de intelectuais, artistas que coloquem a fraternidade – instrumento de unidade – no centro do próprio agir e pensar.

---

<sup>7</sup> De *Liberdade, igualdade... que fim levou a fraternidade?*, cit.

Era esse o sonho de Martin Luther King: que a fraternidade se torne a ordem do dia de um homem de negócios e a palavra de ordem do homem de governo. Os políticos do Movimento Político pela Unidade querem que esse sonho se torne realidade.

### Uma política com autoridade<sup>8</sup>

Essa é – parece-me – a política que vale a pena ser vivida. Uma política capaz de reconhecer e servir o desígnio da própria comunidade, da própria cidade e nação, inclusive da humanidade inteira, pois a fraternidade é o projeto de Deus para toda a família humana. Essa é a verdadeira política com autoridade de que cada país precisa. O poder, de fato, confere a força, mas é o amor que confere autoridade.

Essa é a política que constrói obras que permanecerão. As gerações que virão não serão agradecidas aos políticos por terem detido o poder, mas pelo modo como o tiverem administrado.

### 3. A unidade, para além da globalização

#### “Tenho um sonho”<sup>9</sup>

Sonho que esta aurora de uma fraternidade vivida – que hoje se constata na consciência de milhões de pessoas, sempre mais ampla na Terra –, se torne amanhã, no decurso do terceiro milênio, uma realidade geral, universal.

Sonho assim com um retrocesso das guerras, das lutas, da fome, dos inúmeros males do mundo.

Sonho com um diálogo de amor sempre mais intenso entre as Igrejas, a ponto de já ver bem próxima a composição da única Igreja.

---

<sup>8</sup> Ibidem

<sup>9</sup> De *Qual futuro nos espera*, Editorial, Cidade Nova, janeiro e fevereiro de 2000.

Sonho com o aprofundamento de um diálogo vivo e ativo entre as pessoas das mais variadas religiões, ligadas entre elas pelo amor, "regra de ouro" presente em todos os seus livros sagrados.

Sonho com uma aproximação e um enriquecimento recíproco entre as várias culturas do mundo, de modo a gerar uma cultura mundial que apresente em primeiro plano aqueles valores que sempre foram a verdadeira riqueza de cada povo e que esses valores se imponham como sabedoria global.

Sonho que o Espírito Santo continue a inundar as Igrejas e que potencialize as "sementes do Verbo" para além delas, de modo que o mundo seja invadido pelas contínuas novidades de luz, de vida, de obras que somente Ele sabe suscitar. A fim de que homens e mulheres em número sempre crescente possam encaminhar-se por caminhos retos, convergir para o seu Criador, e dispor alma e coração para o seu serviço.

Sonho com relacionamentos evangélicos não apenas entre as pessoas, mas entre grupos, Movimentos, Associações religiosas e leigas; entre os povos, entre os Estados, de modo que se considere lógico amar a pátria alheia como a própria pátria. E seja lógico tender a uma comunhão de bens universal, ao menos como ponto de chegada.

Sonho um mundo unido na variedade dos povos com uma única autoridade, em alternância.

Sonho, portanto, já com uma antecipação dos Céus novos e da nova terra, como é possível aqui na terra. Sonho muito, mas temos um milênio para vê-lo realizado.

### A interdependência<sup>10</sup>

O conceito da interdependência, evoca um ideal muito amado por mim, pelo qual – junto a muitas pessoas de boa vontade, engajadas na política, na economia e nos vários campos da ação e do saber humano – decidi dedicar a minha vida: a unidade da família humana.

---

<sup>10</sup> Da *Mensagem aos participantes à I Jornada Mundial da Interdependência*, Filadélfia, 12 de setembro de 2003

No dia seguinte ao acontecimento de 11 de setembro, muitos de nós sentiram a exigência de refletir de forma aprofundada sobre as causas do terrorismo, mas sobretudo de comprometer-se na busca de uma alternativa verdadeira, responsável, decidida ao terror e à guerra. Para mim, foi como reviver a experiência da destruição e a sensação da impotência humana, na cidade italiana de Trento, bombardeada durante a Segunda Guerra Mundial.

Exatamente sob as bombas, eu e as minhas primeiras companheiras descobrimos no Evangelho a luz do amor mútuo, que nos fez estar prontas a dar a vida uma pela outra. Foi dos escombros daquela destruição, na convicção de que "o amor vence tudo", que nasceu o forte desejo de fazer com que todos os próximos participem deste amor, sem distinção de pessoas, grupos, povos, sem considerar as condições sociais, culturais e as convicções religiosas.

Analogamente, somos muitos a nos perguntar, hoje, de Nova York a Bogotá, de Roma a Nairóbi, de Londres a Bagdá, se é possível viver num mundo de povos livres e iguais, unidos. Não só onde se respeite a identidade um do outro, mas também onde todos sejam solícitos frente às respectivas necessidades.

A resposta é uma só: não só é possível, mas é a essência do projeto político da humanidade.

A unidade dos povos, no respeito das múltiplas identidades, é o próprio objetivo da política, que a violência terrorista, a guerra, a injusta divisão dos recursos do mundo e as desigualdades sociais e culturais parecem hoje colocar em discussão.

De vários pontos da terra, sobe hoje um grito de abandono de milhões de refugiados, de milhões de famintos, de milhões de explorados, de milhões de desocupados que são excluídos e quase separados do corpo político. É essa separação, e não só as privações e as dificuldades econômicas, que os tornam ainda mais pobres, que aumenta o desespero deles.

### O planeta na encruzilhada <sup>11</sup>

---

<sup>11</sup>

De *Um mundo global e fraterno*, Editorial, Cidade Nova, setembro de 2001.

A globalização em ato, no início deste terceiro milênio, pode se tornar uma meta de amadurecimento nunca antes alcançada pela humanidade. Vivemos tempos de “mudança histórica”, de gestação sofrida de um mundo novo.

Mas urge uma alma: o amor.

Como diz João Paulo II, “a humanidade está diante de uma encruzilhada. Qual é a civilização que se imporá no futuro do planeta? Será a civilização do amor ou a contra civilização dos egoísmos, constituídos como sistema, isso depende de nós”.

O amor está inscrito no DNA de todo homem. É o que eu comprovo cada vez mais nos contatos com indivíduos ou grupos, de religiões, raças e culturas diferentes. O amor é a força mais potente, fecunda e segura capaz de unir toda a humanidade. Mas ele exige uma transformação total dos corações, de mentalidades e de opções.

Além do mais, já faz parte do senso comum sobre a vida internacional a necessidade de uma releitura do conceito de reciprocidade, que é um dos fundamentos das relações internacionais.

Estamos no tempo em que cada povo deve ultrapassar a própria fronteira e olhar para além dela, a ponto de amar a pátria dos outros como a própria. A reciprocidade entre os povos significará então a superação de antigas e novas lógicas de corporativismo e de lucro, estabelecendo em vez disso relações universais inspiradas numa iniciativa sem condições e isenta de interesses, porque vejo o “outro” como “um outro eu mesmo”, parte da mesma humanidade, e elaborar meus projetos nesta linha: desarmamento, desenvolvimento, cooperação.

Nascerá, desse modo, uma reciprocidade capaz de tornar cada povo – inclusive o mais pobre – protagonista da vida internacional, na partilha de pobreza e riqueza. Não somente nas situações de emergência, mas no dia a dia. A identidade e a potencialidade de cada povo se desenvolverão justamente quando forem colocadas à disposição dos outros povos, no respeito e no intercâmbio.

Então sim, se os governantes e cada um de nós fizermos a nossa parte, poderemos sonhar em compor uma única comunidade planetária.

Utopia? O primeiro a lançar a globalização foi Jesus quando disse: “Que todos sejam um”. E não só isso; ele nos tornou capazes de amar com aquele amor que tem a força de recompor a família humana na unidade e na diversidade.

Basta, então, abrir os olhos: muitos “laboratórios” desta “humanidade nova” já estão espalhados em todo o mundo.

Será que não chegou a hora de projetar esses laboratórios em escala mundial?

### Da cidade para o mundo<sup>12</sup>

Hoje, a história nos convida a confrontar-nos com grandes desafios. As tensões que dilaceram o caminho de todos os povos questionam cada um de nós, como indivíduos, nas nossas associações e nas formações políticas de que fazemos parte. Se a nossa função é administrar um pequeno município ou uma metrópole, se participamos na construção do bem comum como cidadãos ativos ou como estudiosos competentes no mundo da cultura, se exercemos o nosso trabalho nas instituições ou na sociedade civil, certamente não podemos nos eximir de enfrentar esses desafios. Assim deve ser, se quisermos que a nossa proposta política seja capaz de prospectar soluções adequadas e eficazes, que correspondam às nossas responsabilidades, mas sobretudo ao projeto de Deus e para que, com isso, possam beneficiar a todos.

As fortes contradições que caracterizam a nossa época precisam de uma orientação que seja igualmente penetrante e incisiva, de categorias de pensamento e de ações capazes de envolver cada pessoa e os povos com os seus preceitos econômicos, sociais e políticos. (...)

Eu estou aqui para testemunhar-lhes que, o que é impossível para homens isolados e divididos, torna-se possível para aqueles que fizeram da fraternidade, da compreensão recíproca, da unidade a motivação essencial da própria existência.

Certamente aqui estão todos os elementos para acionar um processo que pode marcar a história: uma grande ideia, a fraternidade universal; um contexto onde concretizá-la: a cidade; sujeitos institucionais e sociais diversos, cuja unidade é enriquecida e exaltada justamente devido às diferenças; um projeto: a unidade da América Latina a serviço da unidade do mundo.

---

<sup>12</sup> Da *Mensagem ao Congresso dos prefeitos da América Latina “Cidades pela unidade”* – Rosário, 2-3 de junho de 2005

Se for assim, tudo será possível! Fixando o olhar nesse objetivo, não obstante as dificuldades, poderemos recompor, num único mosaico, partindo da dimensão do compromisso diário e chegando às grandes opções políticas para os nossos povos, as mil pedrinhas da reciprocidade. Saberemos realizar juntos uma democracia comunitária, partindo exatamente das cidades latino-americanas. Nelas, as novas possibilidades de participação e uma nova disponibilidade para a escuta abrirão caminhos impensados para resgatar os mais excluídos. Saberemos contagiar com a ideia e, sobretudo, com a prática da partilha dos bens, na liberdade, os círculos econômicos e as instituições. Partindo da base, da cidade como dimensão fundamental da política, poderemos oferecer experiências, projetos, ideias úteis, inclusive para renovar a política mundial, hoje enfraquecida por fortes injustiças, demonstrando que é possível a unidade na diversidade, um projeto político compartilhado, respeitando o pluralismo, uma sociedade global, mas feita de mil preciosas identidades.

Quais são os meus votos? Que a sabedoria milenar dos povos autóctones, que são a raiz da sua história; que a contribuição das imigrações, que puderam exprimir-se plenamente graças à sua hospitalidade; que os seus enormes recursos naturais e, sobretudo, culturais; que o desejo de encontrar um ponto de equilíbrio entre o respeito pela natureza e o desenvolvimento económico; que a fecunda vivacidade democrática dos seus países possam encontrar novas expressões na fraternidade, para ser uma dádiva para toda a humanidade. (...)

Que Deus, Pai de todos os povos, apoie o nosso trabalho e o conduza à sua plena realização.

### A “paz santa”<sup>13</sup>

Para que a humanidade continue a viver, e a viver melhor, é preciso que se repropõe a paz, não como uma ideia ao lado das outras, mas como a ideia

---

<sup>13</sup> De *Uma chance para recomeçar* Editorial, Cidade Nova, dezembro de 2004.

fundamental da convivência entre os homens, como a lei básica da família humana que, sem a paz, não é mais uma família.

Hoje irmãos disparam contra irmãos, há armas demais em circulação. Usamos fuzis, mísseis ou explosivos com excessiva facilidade. Contudo, a nossa consciência de homens do Terceiro Milênio nos diz que as armas deveriam existir somente para nos defendermos, e legitimamente: nunca ser utilizadas para matar as crianças, as mulheres, os anciãos, os que não podem se defender! Deveriam ser usadas somente em casos de extrema necessidade, concreta e não só possível, como o bisturi numa operação cirúrgica, nunca para impor as próprias ideias ou as próprias forças.

### Uma instância mundial

Em primeiro lugar é preciso dar novamente uma justa credibilidade às instâncias internacionais, muitas vezes reduzidas à impotência. O último conflito iraquiano demonstrou que o nosso mundo globalizado não pode prescindir de uma autoridade mundial, capaz de gerir os processos globais respeitando as prerrogativas de cada povo. Caso contrário, como seria possível resolver os conflitos nos pontos ameaçados do planeta? Refiro-me primeiramente [ao] (...) problema israelita palestinese, mas também a toda região do Oriente Médio. Sem esquecer todas as guerras combatidas em outros lugares, e muitas vezes esquecidas.

Recordo que, no dia seguinte à terrível destruição das Torres gêmeas, não predominavam nas palavras dos responsáveis das nações tons de vingança, mas palavras ditadas pela vontade de unir-se: unir as forças não só para enfrentar os problemas abertos pelo terrorismo, mas também aqueles provocados pelas injustiças sociais globais, encontrando soluções originais. Perceberam-se até mesmo, sinais de corajosa autocrítica. Mas depois prevaleceram as lógicas da guerra, das repostas unilaterais, do esquecimento das negociações e do papel das autoridades internacionais.

É preciso voltar, hoje, àquela unidade de intentos e colocá-la em prática, reconhecendo a todos os Estados uma autêntica paridade nas decisões comuns, para encontrar soluções adequadas que não podem reduzir-se somente à guerra. Não está excluído que um ou outro Estado possa influir para sanar uma situação difícil: mas

sempre e unicamente no respeito às regras da comunidade internacional, e como representante da unidade de todos. E não se exclui nem mesmo o fato de que sejam criadas novas formas organizativas internacionais.

Lembro-me do Vaticano II: «Para reprimir o desencadear-se da violência é absolutamente necessário que as instituições internacionais desenvolvam e consolidem a própria cooperação».

### **Uma justiça planetária**

Em segundo lugar creio que seja necessário realizar uma obra planetária de justiça social. Os responsáveis dos Estados deveriam trabalhar por um real senso de justiça econômica, que todos eles, ninguém excluído, afirmam desejar seguir nos respectivos programas eleitorais. Mas é preciso passar das promessas aos fatos: não há tempo a perder para idear e realizar uma nova distribuição das riquezas, considerando que poucos têm muito, enquanto que muitos têm necessidades. Que se comece lentamente, para não colocar em risco a estabilidade econômica internacional.

Que se coloque em ação todo o esforço para eliminar o insuportável escândalo da pobreza no mundo, investindo contemporaneamente no desenvolvimento das economias locais. E na educação e na cultura, sem as quais nenhum progresso dura por muito tempo.

### **Uma primavera espiritual**

Existe um terceiro nível, talvez ainda mais profundo, sobre o qual agir. (...) Nós cristãos somos quase dois bilhões: que testemunho damos ao mundo? Devemos voltar a dar espaço à vida espiritual autêntica, fundamento da paz e do desarmamento global dos corações e dos exércitos, atuando uma verdadeira revolução: colocar Deus no centro da nossa existência (...).

Quando agimos assim – como podemos comprovar em muitas partes do mundo –, o diálogo entre fieis de religiões diferentes torna-se muito mais fácil, e não se utiliza mais a religião «para fomentar a violência (...), recorrendo até mesmo ao nome

sacrossanto de Deus para ofender o homem», como disse o papa em janeiro de 2002, por ocasião do encontro de líderes religiosos em Assis.

*(De A paz não foi derrotada, Editorial Cidade Nova, julho de 2004)*

### **A paz santa**

(...) Não nos rendamos, portanto! Das guerras, até mesmo das mais terríveis, muitas vezes surgiram surpresas morais inesperadas e energias inimagináveis. E, quem sabe, a Providência Divina se servirá algumas vezes de situações de destruição provocadas pela liberdade do homem para construir, como novidade absoluta, aquilo que é necessário para dar novo alento à humanidade. E muitos são os sinais de que, da grave conjuntura internacional, possa finalmente emergir uma nova consciência da necessidade de trabalhar juntos para o bem comum. Todos juntos: povos mais ricos e menos ricos, sofisticados ou não nos seus armamentos, confessionais ou não, que têm a coragem de “inventar a paz”. Acabou o tempo das “guerras santas”. A guerra nunca é santa, e nunca o foi. Deus não a quer. Só a paz é realmente santa, porque o próprio Deus é a paz. Peçamos a ele, sem descanso, que nos presenteie com a sua paz.

*(De A paz não foi derrotada, Editorial Cidade Nova, julho de 2004)*